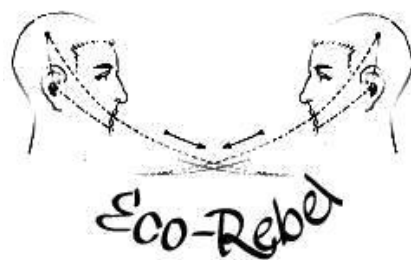


*Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 02, n. 02, p. 44-48, 2016.



## DA GRAMÁTICA PRAGMO-ECOLÓGICA À ECOLINGUÍSTICA (1973-1993)<sup>1</sup>

Adam Makkai (University of Illinois at Chicago-Champaign)

**Resumo:** O objetivo desse pequeno artigo é apresentar uma síntese de algumas de minhas ideias ecolinguísticas que vêm sendo desenvolvidas ao longo do tempo. Entre elas a ideia de que é necessário adotar-se um novo modelo linguístico que seja capaz de se debruçar sobre todo e qualquer fenômeno da linguagem, mesmo que para isso tenha que se valer da ajuda de disciplinas parcelares. Nem a “gramática estratificacional” que pratiquei por longos anos é capaz dessa tarefa. Enfim, a ecolinguística precisa dar conta não apenas de questões “exoecológicas” (exterioridade da linguagem), como análise de discursos, ambientalismo etc. Ela tem que se haver também com a “endoecologia” linguística, ou seja, com o que se tem chamado tradicionalmente de “gramática”, “estrutura” e “sistema”.

**Palavras-chave:** Gramática pragmo-ecológica; ecolinguística; exoecologia; endoecologia.

**Abstract:** The objective of this short article is to present a synthesis of some of my main ideas on ecolinguistics as they have been appearing along the last decades. Among these ideas is the need of adopting a new linguistic model which is capable of dealing with any language phenomena, even if with the help of a specialized discipline. Not even “stratificational grammar”, which I practiced for a long time, is able to do this. In other words, ecolinguistics must be able to deal not only with the “exoecology” of language (language in relation to extralinguistic world) but also with language “endoecology”, i.e., with what traditionally has been called “grammar”, “structure”, and “system”.

**Key-words:** Pragmo-ecological grammar; ecolinguistics; exoecology; endoecology.

Estamos vivendo em uma época em que a humanidade está se tornando consciente da importância do macroambiente e do microambiente em que vivemos. O termo geral para esta consciência da Nova Era, ECOLOGISMO, tem feito sua influência ser sentida no que concerne à conservação do

---

<sup>1</sup> Traduzido do inglês por Hildo Honório do Couto.

mar e da terra, na sociologia urbana e na economia, na agricultura e na exploração espacial. Hoje em dia, todos nós tendemos a nos tornar conscientes de que além de uma ECOLOGIA DO ESPAÇO FÍSICO, há uma ECOLOGIA DA MENTE.

Uma das finalidades principais deste texto é demonstrar que a distinção entre 'competência' e 'desempenho' deve ser entendida à luz da pragmática e da ecologia da interação humana em uma sociedade não imaginária. Minhas soluções são apresentadas no contexto da Gramática Estratificacional-Cognitiva (GEC) e da Gramática Pragmo-Ecológica (GPE), que é minha abordagem pessoal no seio da família de gramáticas estratificacionais (MAKKAI, 1973). Para os linguistas das linhas gerativista e estratificacional-cognitiva, competência e desempenho coincidem em grande parte. Para os segundos, tanto falante quanto ouvinte exercem papéis regulados pela psicologia da interação social.

Minha dívida para com a linguística estratificacional-cognitiva e o professor Sydney M. Lamb ficará clara a qualquer um. A despeito dessa dívida, os pontos de vista expressos aqui são próprios e nenhum dos estratificacionalistas deve ser responsabilizado por eles.

Eu tenho levado em conta a tagmêmica de Pike e a gramática sistêmico-funcional de Halliday, com as quais gostaria de aliar a ecolinguística e esta é a razão: estes são os dois movimentos nesse campo que apresentam analiticidade e cataliticidade em grau relativamente igual, cada uma no contexto de seus próprios objetivos e em suas respectivas metodologias.

O pensamento de um dos maiores cientistas dos tempos modernos, Werner Heisenberg, oferece evidência clara sobre a proveniência da gramática pragmo-ecológica. Minha dívida para com Sydney Lamb é tão óbvia que sequer precisa ser demonstrada. Onde a GPE contribuirá, quando estiver plenamente desenvolvida, para a gramática estratificacional será nas esquecidas áreas de contexto, textos literários, linguagem poética e criatividade linguística. Também na reintegração orgânica da estatística na filosofia da linguagem. Para se atingir uma relevância pragmo-ecológica humana, não se pode ignorar a estatística. A ideia básica é a de que a língua não é um conjunto de 'objetos', mas uma rede de relações. Isso é essencial para a GPE também. Esta não distancia daquela do ponto de vista das ideias, mas estende seu domínio a áreas que até aqui estavam apenas em potencial.

A Gramática Pragmo-Ecológica é uma tentativa de esboçar a estrutura de uma teoria da linguagem que, de acordo com a proposta de Hjelmslev, não estude os *disjecta membra* de uma língua, mas a própria LÍNGUA como ela funciona. Daí o nome duplo pragmo-ecológica: a teoria precisa ser prática ou, mais precisamente, pragmática, no sentido de William James (1907-1965), e reconhecer a ecologia da linguagem, no sentido de Haugen (1972) e além.

O linguista pragmo-ecológico não tem nenhuma dificuldade com a 'filologia', mesmo sabendo que a filologia dos séculos XIX e XX é percebida atualmente como pertencente a um *modus operandi* 'pré-científico'. Na verdade, a filologia nunca foi superada pela linguística estrutural. Esses dois campos de pesquisa podem perfeitamente aproveitar as experiências um do outro. Face ao final deste século, talvez não seja prematuro dizer que a ECOLINGUÍSTICA pode ser considerada como uma 'filologia pós-científica', ou neofilologia catalítica. O processo de composição de um soneto pode ser encarado como exemplos de neofilologia ecolinguística.

Em seu *The Ecology of language* (1972), Einar Haugen apresenta as referências relevantes de obras

produzidas por pesquisadores deste campo em desenvolvimento. Os nomes vão desde Uriel Weinreich a Joan Rubin. Como uma caracterização geral da obra dos ecologistas da linguagem até os dias de hoje, podemos afirmar que o maior impulso foi o exame do que acontece a diferentes LINGUAS EM CONTATO, DIALETOS EM CONTATO e ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL. Esse tipo de trabalho é melhor caracterizado como EXOECOLOGIA DA LÍNGUA. Por ‘exoecologia’ queremos dizer desenvolvimento, distribuição, características sociais, estatísticas de populações, *status* no seio de estados nacionais como línguas minoritárias ou majoritárias, situação legal, chances de sobrevivência, facilidades educacionais e assim por diante, de línguas individuais e de dialetos encarados como entidades ou corpos culturais.

A contraparte lógica da exoecologia da língua é o que eu proponho que se chame ENDOECOLOGIA. A endoecologia estuda e descreve as relações internas do subsistema fonoecológico inferior ao superior; as relações internas do subsistema ‘fonoecológico’ para o ‘morfoecológico’, e do morfoecológico ao ‘lexoecológico’ e as ‘semoecologias’.

O inventário da ENDO-ECOLOGIA de uma língua é o seu DICIONÁRIO ECOLÓGICO, juntamente com a tática de cada subecologia, isto é, a ‘gramática’ dessa subecologia. A linguagem humana é uma ecologia que consiste de subsistemas ecológicos, que constituem a ENDO-ECOLOGIA da linguagem humana. Línguas em contato com o ambiente exterior constituem a EXO-ECOLOGIA da linguagem humana.

A síntese da exoecologia e da endoecologia pode ser definida como constituindo a PAN-ECOLOGIA da língua. A noção de pan-ecologia torna-se indispensável por causa das inúmeras interações que existem entre a exoecologia e a endoecologia da língua. Alguns lexemas podem se transformar devido aos contatos exoecológicos, e estes podem causar mudanças na endoecologia do morfema em relação ao lexema. Pronúncias também podem mudar devido a contato com outra língua e, com isso, levar a uma reavaliação das relações do estoque de fonemas com as combinações de morfemas disponíveis, e assim por diante.

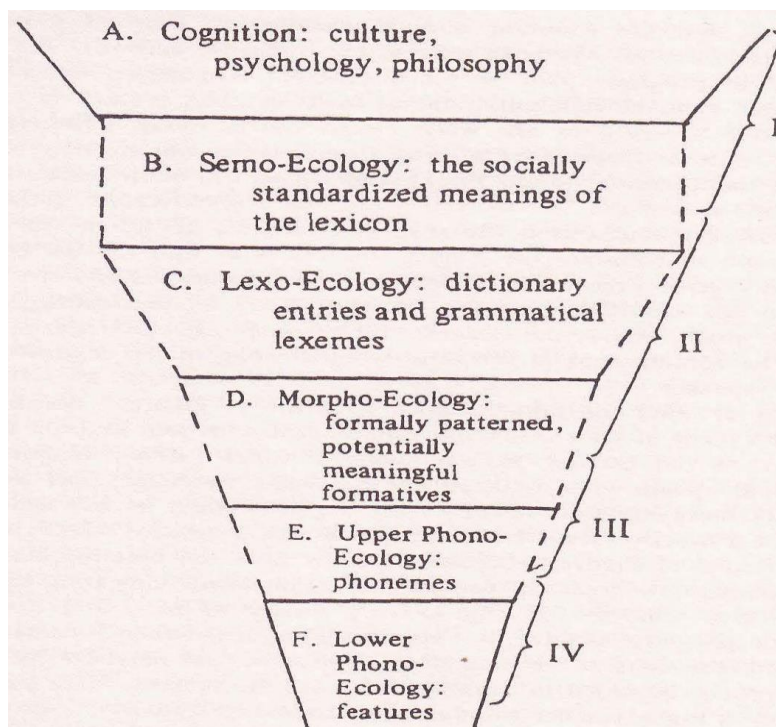
A visão pragmo-ecológica da linguagem considera as línguas humanas como manifestações naturais da consciência coletiva de grupos humanos discretos existentes no planeta. Para a pragmo-ecologia é um fato que simetria e realismo nem sempre coincidem. É um ponto pacífico o fato de que pragmo-ecologicamente a língua não é um conjunto de ‘objetos’, mas uma rede de inter-relações.

ECOLINGUÍSTICA, como o nome já sugere, tenta fazer as perguntas que poderão, espera-se, conduzir as novas gerações de linguistas na direção de uma concepção de língua filosoficamente mais tolerante e em geral mais INCLUSIVA, não EXCLUSIVA.

ECOLINGUÍSTICA como um termo foi sugerida a mim pelo professor Einar Haugen em Chicago por ocasião do IX Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnográficas, em 1972. De qualquer forma, o professor Haugen não é em absoluto responsável pelo uso particular que eu faço dele. A ECOLINGUÍSTICA está apenas *in statu nascendi* e tem um longo caminho a percorrer, antes que possa atingir todos os seus objetivos e aspirações.

Os componentes endoecológicos de uma gramática pragmo-ecológica são os que se veem representados na seguinte figura:

## ECO-REBEL



O inglês é um complexo sistema ecológico, no qual uma simbiose policronológica se manifesta abertamente. Eu posso entrar em uma loja de máquinas fotográficas e pedir por um *three-foot tripod* ([tri] suporte de três pés) sem entrar em contradição, embora eu tenha repetido as mesmas palavras indo-europeias para '3' e para 'pé', respectivamente. Do ponto de vista do próprio inglês, *three-foot* é 'mais velho', se avaliarmos idade do ponto de vista do próprio inglês (isto seria uma VISÃO ENDOECOLÓGICA). No entanto, é claro que *tripod* é mais antigo se o encaramos do ponto de vista EXOECOLÓGICO. Falando endoecologicamente, no momento *tripod* é a forma mais recente.

Uma língua natural como o inglês tem muito menos morfemas do que lexemas, assim como tem menos lexemas do que sememas, bem como um estoque de sememas bem menor do que unidades cognitivas cujas recombinações 'livres e flexíveis' têm a ver com o constante fluxo de pensamento que passa pela mente de uma pessoa. Assim, testemunhamos o desenrolar de uma ESTRUTURA ECOLÓGICA muito eficiente, cuja arquitetura básica apresenta a sabedoria da PRESERVAÇÃO MEDIANTE RECICLAGEM.

A natureza de qualquer sistema ecológico é que cada um de seus membros funciona em relação aos outros, aproximadamente como um violinista ou um oboísta fazem durante a execução da *Nona Sinfonia* de Beethoven. Em uma sinfonia, cada membro da orquestra faz sua parte a fim de contribuir para a concepção do compositor como um todo: ele está submetido ao funcionamento da unidade. Parece ser um fato pragmo-ecológico que simetria e realismo nem sempre andam de mãos dadas.

A ecologia da sílaba pode ser encarada como um teclado de computador muito grande (enorme), que, em vez de escrever letras, escreve sílabas.

Gramatical é o que ocorre; agramatical, o que não ocorre.

Um linguista treinado na tradição antropológica é bastante modesto, portanto, muito mais realista. Ele tentará apresentar análises fidedignas de como as pessoas falavam durante sua vida, além dos tópicos principais de seus discursos.

Uma teoria da linguagem pragmo-ecológica procura relacionar elementos linguísticos (palavras, lexemas monomorfêmicos ou polimorfêmicos, expressões idiomáticas dos mais variados tamanhos) a unidade da cultura material e social e é, portanto, intimamente relacionada com a teoria do comportamento humano de Pike, sendo a língua uma parte desse comportamento.

Assim como você não pode descobrir uma montanha ou um rio que não estejam na natureza para ser descobertos, do mesmo modo não pode conseguir algo que não tenha nenhuma realidade objetiva fora de você mesmo.

Palavras isoladas, sem qualquer tipo de sintaxe, podem levar a um conteúdo comunicativo muito mais rico do que muitas páginas de sentenças sintaticamente bem formadas.

### Referências

HAUGEN, Einar. *The ecology of language*. Stanford: Stanford University Press, 1972, p. 325-339.

MAKKAI, Adam. A pragmo-ecological view of linguistic structure and language universals. *Language sciences* v. 27, 1973, p. 9-22.

\_\_\_\_\_. *Ecolinguistics: ¿Toward a new \*\*paradigm\*\* for the science of language?* Londres: Pinter Publishers, 1993.

**Recebido: 15/02/2016.**

**Aceito: 30/07/2016.**

ECOLINGÜÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 2, n. 2, 2016.